

10. TRADUZIR BENJAMIN: ESBOÇO DE UMA TEORIA DO LEITOR DE ROMANCE

MÁRCIA IVANA DE LIMA E SILVA

É mais do que evidente que uma tradução, por melhor que seja, jamais poderá ser capaz de significar algo para o original. Entretanto, graças à sua traduzibilidade, ela encontra-se numa relação de grande proximidade com ele.

(BENJAMIN, 2008, p. 70)¹

A sugestão de traduzir o texto “Am Kamin”, de Walter Benjamin, partiu dos membros do grupo de pesquisa “A literatura no pensamento de Walter Benjamin”, coordenado pela professora Claudia Caimi, do Instituto de Letras da UFRGS. Logo na primeira leitura, já fiquei interessada pela empreitada, já que percebi a possibilidade de fazer o público brasileiro conhecer mais um texto do grande teórico de Frankfurt.

¹ In: BRANCO, Lucia Castello (org). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Trad. Karlheinz Barck e outros. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. p.70.

Convidei o professor Gerson Neumann, também colega do Instituto de Letras, que deu suporte total à tradução, de modo a garantir a correção lingüística aliada à sensibilidade de perceber o estilo de Benjamin.

The old wives tales, romance sobre o qual fala Benjamin, não é publicado no Brasil, o que nos obrigou a traduzir para o português todas as citações do filósofo, cotejando as passagens nas línguas alemã e inglesa.

A tradução mostrou que Walter Benjamin aproveitou algumas reflexões iniciadas aqui e as desenvolveu no ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de 1936. Em nota-de-rodapé, há a referência ao trecho já traduzido para português. Contudo, mantivemos nossa tradução, pois o contexto é ligeiramente diferente. Naquele texto, a preocupação é a conhecida tipologia do narrador. Em “Ao pé do fogo”, Benjamin esboça uma teoria do leitor de romance, comparando-o com o fogo que consome a lenha na lareira.

Aliás, vale justificar a opção pelo título, que se explica por querermos manter a idéia de reunião ao redor do fogo, ao pé do fogo, para troca de experiências, a qual está presente em “O narrador”. Pensando no leitor brasileiro, há situações como esta, que não envolvem necessariamente a lareira (“À lareira” seria a tradução literal), a qual é encontrada em apenas algumas casas no sul do Brasil. A intenção é remeter à relação do homem com o fogo, que tem efeito hipnótico e congregador, ao mesmo tempo em que recupera a metáfora central do texto: qual fogo que consome a lenha, o leitor devora o romance.

Ao pensar a tarefa do tradutor, o próprio Walter Benjamin afirma:

Assim, embora a sua razão de ser seja evidente, e por os seus fundamentos estarem profundamente ocultos, esta exigência de literalidade tem de ser compreendida em função de relações adequadas: do mesmo modo que, se quisermos juntar de novo os cacos de um vaso, estes tem de corresponder uns aos outros, sem serem todavia necessariamente iguais quanto às suas ínfimas particularidades, também a tradução, em vez de imitar o original para se aparentar a ele, deve insinuar-se com amor nas mais ínfimas particularidades tanto dos modos do “querer dizer” original como na sua própria língua, isto de maneira a juntá-las como se fossem cacos de um vaso, para que depois de as juntar elas nos deixem reconhecer uma língua mais ampla que as abranja a ambas².

² BRANCO, Lucia Castello (org). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Trad. Karlheinz Barck e outros. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. p.38.

Foi esta nossa intenção: humildemente trazer ao público brasileiro seu ensaio inédito, de modo a juntar “os dois textos”, em alemão e em português, como uma prova de amor ao pensamento de Benjamin e à sua capacidade de nunca esgotar-se.

AO PÉ DO FOGO (1933)

Para o Jubileu de 25 anos de um romance³

Walter Benjamin - tradução de Marcia Ivana de Lima e Silva e Gerson Neumann

Conta-se de Oscar Wilde: Certa vez encontrava-se ele num círculo de pessoas, e a conversa versava sobre o tédio. Cada um tinha um provérbio; Wilde calou-se por último. Cheios de expectativas, todos olhavam-no. Então, ele disse: “Quando estou entediado, pego um bom romance, sento-me na frente de uma lareira e fico admirando o fogo.”

De fato, os dois combinam muito bem: uma lareira flamejante e um romance aberto. E porque estamos com um exemplar desses em mãos – agora, 25 anos depois do surgimento da primeira edição, a obra-prima de Bennett traduzida – queremos, sem fechá-lo, lançar um olhar ao fogo. Ninguém é assim tão sem fantasia que não sinta algo ao olhar para o fogo. Nós queremos ver por que o espetáculo que ele abre pode ser visto como analogia do romance. O leitor de romances toma isso diferente daquele que se aprofunda na poesia ou daquele que acompanha um

³ BENNETT, Arnold. *Konstanze und Sophie oder Die alten Damen*. ([Roman.] Aus dem Englischen übers. von Daisy Brody.) 2 Bde. München: R. Piper u. Co. (1932). 414 S., 459 S.

N. dos T.: **Enoch Arnold Bennett** (27 de maio de 1867 - 27 de março 1931) foi um escritor inglês. É mais conhecido como romancista, mas também trabalhou em outras áreas como o jornalismo, propaganda e cinema. *The old wives tales*, publicado pela primeira vez em 1908, é considerado um de seus melhores romances. Conta a vida de duas irmãs muito diferentes, Constance e Sophia Baines, seguindo suas histórias desde a juventude, trabalhando na loja de armarinho de sua mãe, até a velhice. Abrange um período de cerca de 70 anos, de 1840 a 1905, situado em Burslem e em Paris.

O romance é dividido em quatro partes. A primeira, “Mrs Baines”, apresenta a adolescência de ambas as irmãs Sophia e Constance, e a vida na loja de seu pai e da casa (um imóvel geminado). O pai está doente e acamado; o principal adulto em suas vidas é a mãe, Sra. Baines. Ao final desta primeira parte, Sophia (cujo nome reflete sua sofisticação, em oposição à constante Constance) foge com um vendedor ambulante. Constance, entretanto, se casa com o Sr. Povey, que trabalha na loja. A segunda parte, “Constance”, detalha a vida de Constance a partir daquele momento até o reencontro com sua irmã na velhice. Sua vida, apesar de aparentemente prosaica, é, no entanto, cheia de incidentes pessoais, incluindo a morte de seu marido, o Sr. Povey, e suas preocupações com o caráter e comportamento de seu filho. A terceira parte, “Sophia”, recupera a trajetória de Sophia após sua fuga. Abandonada pelo marido em Paris, Sophia torna-se bem-sucedida como proprietária de uma pensão. A parte final, “O que a vida é”, como as duas irmãs se reencontram. Sophia retorna à Inglaterra e à casa de sua infância, onde Constance ainda vive.

Anna of the Five Towns, romance publicado em 1902, e *Tales of the Five Towns*, coletânea de contos, publicada em 1905, tem suas histórias ambientadas na região das olarias em Staffordshire, Inglaterra.